

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT02.009

# A DIVERSIDADE CULTURAL NAS PRÁTICAS CORPORAIS PARINTINENSE: REFLEXÕES A PARTIR DA PEDAGOGIA HISTÓRICO- CRÍTICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM PARINTINS-AM

Jéssica Batista dos Santos<sup>1</sup>Edilson Mota Ribeiro<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi reconhecer as práticas corporais como instrumento de valorização da cultura parintinense em turmas do 2º ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual do Município de Parintins-AM. Utilizou-se neste estudo a pesquisa ação, e como instrumentos de coleta de dados o questionário semiaberto e diário de bordo. Como suporte teórico para as nossas discussões e reflexões utilizamos os estudos de Soares et. al. 1992; Savianni, 2019; Fonseca, Silva e Fernandes, 2011. Os principais resultados apresentaram que os alunos pouco vivenciaram atividades de origem afro, indígena e cabocla na escola, e quando realizavam não havia uma discussão mais aprofundada sobre a diversidade cultural, inclusão, respeito as diferenças e valorização da cultura local. Observou-se as limitações que, os alunos possuem pouco conhecimento quanto as práticas corporais de origem afro, indígena e cabocla, e não compreendem sua importância como ferramenta

1 Mestranda do Curso de Educação Física (PROEF) da Universidade Federal do Amazonas, santos\_jessicabatista@hotmail.com;

2 Mestre em Ciências da Educação pela Universidad de La Integración de Las Américas-UNIDA/Paraguay, emotaribeiro@yahoo.com.br;

de aceitação das diversidades culturais, e propagação da cultura local, além de não considerar essas práticas corporais como fundamentais no ambiente escolar. Compreendemos que as práticas corporais oriundas da cultura indígena, afro e cabocla a partir da ótica da Pedagogia Histórico-Crítica podem contribuir com a valorização da cultura parintinense, como também com o pensamento crítico do educando, proporcionando a população local um olhar mais humanizado quanto a aceitação da forma de ser, pensar, agir e se expressar das pessoas, não menosprezando ou esquecendo a cultura do seu povo.

**Palavras-chave:** Cultura, Práticas Corporais, Educação Física Escolar.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, diversas discussões e reflexões têm se desenvolvido em torno das riquezas que compõem o Brasil. Entre elas, destaca-se a ampla diversidade cultural, resultante do processo histórico-social e das dimensões continentais que caracterizam o território nacional. Apesar dessa pluralidade, ainda persistem barreiras relacionadas à aceitação das diferentes formas de ser, pensar, agir e se expressar, o que leva ao menosprezo e, por vezes, ao esquecimento de manifestações culturais genuinamente brasileiras. Nesse cenário, observa-se a valorização exacerbada da cultura europeia, em detrimento das expressões culturais de povos originários e afrodescendentes, de acordo com Fonseca, Silva e Fernandes (2011), a formação cultural brasileira foi marcada pela atribuição de superioridade aos brancos e aos europeus, considerados detentores de uma cultura “clássica”, enquanto as culturas de povos não europeus foram negligenciadas, mesmo possuindo permanência e relevância histórica. Essa herança eurocêntrica remonta à chegada dos europeus expansionistas no século XVI, quando se instituiu um sistema de dominação pautado na crença da superioridade europeia, o que legitimou projetos de exploração e controle sobre civilizações não europeias (Liauzu, 1992). Nesse contexto, as práticas colonialistas se manifestaram não apenas na ocupação de terras e na exploração de riquezas, mas também na disseminação da ideia de inferioridade dos indígenas, africanos e aborígenes. Essa ideologia foi imposta por meio de diferentes estratégias, como a educação, a criação de instituições e até o extermínio físico desses povos (Fonseca, Silva e Fernandes, 2011).

Diante dessa realidade, torna-se imprescindível discutir a diversidade cultural de forma mais frequente e aprofundada, sobretudo no contexto escolar, uma vez que a escola constitui um espaço privilegiado para o acesso ao conhecimento sistematizado e para a formação cidadã. Nessa perspectiva, Fonseca, Silva e Fernandes (2011) enfatizam a importância de analisar e compreender as experiências de diversidade étnico-racial

presentes no ambiente escolar, produzindo conhecimento sobre o tema e construindo práticas pedagógicas que contribuam para a superação do racismo estrutural e para o fortalecimento de uma educação antirracista, justa e humanizada.

Partindo dessa compreensão, todas as disciplinas da Educação Básica podem desempenhar um papel fundamental na mediação dessas discussões, incentivando o pensamento crítico e a ação consciente dos estudantes. Entre elas, destaca-se a Educação Física, que se configura como um campo privilegiado para a desconstrução de estereótipos e para a ressignificação das práticas corporais historicamente marginalizadas, sobretudo aquelas ligadas às culturas negras e indígenas. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), a Educação Física escolar tematiza as práticas corporais em suas múltiplas formas de codificação e significação social, compreendendo-as como manifestações expressivas produzidas por diferentes grupos sociais ao longo da história. Assim, o movimento humano ultrapassa a dimensão biológica, inserindo-se no âmbito cultural e revelando sentidos e identidades coletivas.

Nessa direção, entende-se que as práticas corporais podem constituir instrumentos de valorização da diversidade cultural existente no Brasil, pois segundo o Referencial Curricular Nacional (Brasil, 2015), essas práticas representam expressões individuais e coletivas do movimento corporal, desenvolvidas tanto em contextos sistematizados, como a escola, quanto em ambientes informais, como o lazer. Mais do que simples manifestações motoras, elas carregam elementos culturais que expressam a identidade e a visão de mundo de diferentes povos e regiões. A diversidade cultural presente nas práticas corporais evidencia as distintas regionalidades brasileiras, revelando as especificidades das populações ribeirinhas, quilombolas, indígenas, entre outras, que conferem ao país uma identidade plural e dinâmica (Brasil, 2015).

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo reconhecer as práticas corporais como instrumento de valorização da cultura parintinense em turmas do 2º ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual do Muni-

cípio de Parintins-AM, buscando compreender como essas manifestações podem ser incorporadas ao ensino da Educação Física.

## METODOLOGIA

Quanto aos procedimentos metodológicos, o presente estudo classifica-se como uma pesquisa-ação, uma vez que houve intervenção direta dos pesquisadores na problemática investigada. De acordo com Gil (2002) e Severino (2013), esse tipo de pesquisa é de fundamental importância, pois tem como propósito não apenas compreender a realidade estudada, mas também intervir sobre ela, buscando transformações concretas no contexto analisado.

Nessa perspectiva, a articulação entre teoria e prática foi um princípio norteador da pesquisa. Conforme destaca Saviani (2019), a práxis educativa é essencial para a formação integral e emancipada dos sujeitos, possibilitando a aproximação entre os conteúdos escolares e a realidade vivenciada pelos estudantes.

O estudo teve caráter transversal e foi desenvolvido com 62 alunos regularmente matriculados no 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública do município de Parintins-Amazonas, no período de julho a novembro de 2024. A escolha desse público-alvo justifica-se pela recorrência de casos de bullying observados nas aulas de Educação Física dessa turma, além da predominância de comportamentos competitivos, que resultavam em atitudes de exclusão, não aceitação das diferenças e apelidos depreciativos. Tais situações contribuíam para o afastamento de estudantes que não se identificavam com atividades essencialmente competitivas.

Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos principais. O primeiro foi um questionário semiaberto, aplicado no início da pesquisa, com o objetivo de verificar a concepção dos alunos acerca da diversidade cultural nas práticas corporais. O segundo instrumento consistiu em um diário de bordo, no qual foram registradas observações e

anotações realizadas durante a aplicação das aulas. Esse instrumento permitiu documentar falas significativas dos alunos, bem como comportamentos relevantes que contribuíram para as análises e discussões dos resultados.

Quanto aos procedimentos éticos da pesquisa, foi solicitada a autorização da gestão escolar e agendada uma reunião com os responsáveis pelos estudantes participantes. Após esse encontro, realizou-se o convite formal aos alunos, momento em que foram apresentados os objetivos do estudo e reforçado o caráter voluntário da participação. Nessa ocasião, também foi entregue o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), assegurando o cumprimento dos princípios éticos e a transparência do processo.

Com a devolução dos termos assinados, procedeu-se à aplicação do questionário inicial durante as aulas de Educação Física. Em seguida, diante da necessidade de uma intervenção imediata, foi iniciada a segunda etapa da pesquisa, que consistiu no planejamento das aulas, com o objetivo de promover práticas inclusivas, justas e antirracistas.

Na terceira etapa, as aulas planejadas foram aplicadas, contemplando momentos teóricos e práticos que possibilitaram aos estudantes vivências diversificadas e reflexões críticas sobre a valorização da diversidade cultural e o respeito às diferenças.

Por fim, os resultados obtidos foram organizados, analisados e discutidos à luz da Pedagogia Histórico-Crítica, em diálogo com outras produções teóricas da área, de modo a ampliar a compreensão acerca da temática e das transformações observadas no contexto escolar.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **PONTO DE PARTIDA: QUESTIONÁRIO**

As análises iniciais foram realizadas a partir das respostas obtidas no questionário aplicado no início das atividades com os 62 alunos partici-

pantes. O instrumento continha perguntas voltadas à compreensão dos estudantes sobre as temáticas diversidade, cultura afro-brasileira, indígena e cabocla, inclusão e pluralidade cultural. Nesse contexto, observou-se que a maioria dos alunos pouco ou nunca haviam vivenciado tais temáticas em atividades propostas nas aulas de Educação Física. Entre aqueles que afirmaram ter tido algum contato, destacou-se que não houve momentos de reflexão crítica sobre essas práticas, o que evidencia uma lacuna no tratamento pedagógico da diversidade no componente curricular.

Diante dessa constatação, compreendemos que os conteúdos da Educação Física escolar devem considerar a realidade local, bem como as práticas corporais juvenis que fazem parte do cotidiano dos estudantes. Nessa perspectiva, concordamos com Libâneo e Silva (2020) ao enfatizarem que a escola precisa atentar-se à diversidade cultural e assegurá-la pedagogicamente, de modo que se configure, de fato, como um espaço democrático, inclusivo e socialmente justo.

Outro aspecto relevante identificado diz respeito à compreensão conceitual dos alunos acerca da diversidade e das culturas afro-brasileira e indígena. Embora todos tenham reconhecido a importância dessas temáticas, apenas três estudantes conseguiram citar manifestações culturais de origem afro-brasileira ou indígena. Tal resultado corrobora a análise de Fonseca e Silva (2011), que apontam a persistência de currículos escolares baseados em uma perspectiva eurocêntrica, a qual tende a invisibilizar os saberes de povos historicamente marginalizados e invisibilizados.

Sobre os currículos escolares Soares et. al. (1992, p. 17) destaca:

“O currículo capaz de dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória. Isso vai exigir uma organização curricular em outros moldes, de forma a desenvolver uma outra lógica sobre a realidade, a lógica dialética, com a qual o aluno seja capaz de fazer uma outra leitura. Nesta outra forma de organização curricular se questiona o objeto de cada disciplina ou matéria curricular e coloca-se em destaque a função social de cada uma delas no currículo/ Busca situar a sua contribuição parti-

cular para explicação da realidade social e natural no nível do pensamento/reflexão do aluno. Isso porque o conhecimento matemático, geográfico, artístico, histórico, lingüístico, biológico ou corporal expressa particularmente uma determinada dimensão da “realidade” e não a sua totalidade”.

À luz dessa discussão, é possível afirmar que as escolas que se estruturam apenas em resultados quantitativos, atividades direcionadas de forma homogênea e sem espaço para a escuta ativa dos estudantes dificilmente promoverão reflexões críticas e significativas sobre a realidade social. Conseqüentemente, distanciam-se do contexto real e deixam de oportunizar uma aprendizagem efetivamente significativa e equitativa, que reconheça e valorize as diversidades culturais presentes no ambiente escolar.

Outro ponto relevante identificado nas respostas do questionário refere-se à falta de continuidade dos conteúdos trabalhados nas aulas. Os estudantes relataram que alguns temas eram discutidos teoricamente, porém não se concretizavam na prática, evidenciando uma dissociação entre o saber e o fazer pedagógico. Nesse sentido, Saviani (2019) ressalta que teoria e prática são dimensões distintas, mas devem caminhar de forma articulada, uma vez que a compreensão conceitual só ganha sentido quando se materializa na ação educativa.

No âmbito da Educação Física escolar, esse distanciamento entre teoria e prática ainda constitui um desafio persistente. Muitos professores, em suas práticas pedagógicas, enfrentam dificuldades em transformar o conhecimento teórico em experiências concretas, o que pode estar relacionado à fragilidade no domínio dos saberes disciplinares e pedagógicos. Como consequência, a práxis educativa, entendida como a união entre reflexão e ação, acaba sendo pouco explorada no cotidiano das aulas.

Conforme enfatiza Gutiérrez (1988, p. 107), “sem a práxis não há educação, pois é justamente nela que se estabelece a relação dialética entre ação e reflexão, permitindo que o processo educativo se torne crítico, transformador e mutuamente enriquecedor”. Diante dessas considerações, as reflexões iniciais obtidas a partir do questionário evidenciaram a

necessidade de propor práticas corporais contextualizadas, que valorizem as diversidades culturais locais e promovam aprendizagens significativas. Assim, optou-se por fundamentar as práticas corporais apresentadas neste trabalho a partir da Pedagogia Histórico-Crítica, cuja perspectiva possibilita articular teoria e prática a partir de uma abordagem pedagógica crítica e emancipadora.

## **A CAMINHO DE UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA**

O primeiro momento da proposta desenvolveu-se a partir da prática social inicial, realizada por meio de uma roda de conversa entre a professora e os estudantes. Nesse espaço dialógico, foram trazidas para discussão as temáticas diversidade cultural, cultura afro-brasileira e indígena, inclusão e respeito, com o intuito de promover uma reflexão coletiva sobre essas questões no contexto escolar.

Durante essa etapa, observou-se uma participação tímida dos estudantes, fato que se relaciona à falta de informações e vivências prévias acerca dos temas abordados. Apesar disso, esse momento mostrou-se fundamental para o desenvolvimento do processo pedagógico, uma vez que possibilitou uma maior aproximação entre a professora e os alunos, criando um ambiente de escuta e acolhimento. A partir dessa interação inicial, tornou-se possível compreender melhor as percepções dos estudantes e planejar estratégias pedagógicas mais significativas, pautadas no diálogo e na valorização da diversidade.

**Figura 1-** Roda de conversa com os estudantes



**Fonte:** Autoria própria, 2024

O segundo momento da proposta caracterizou-se pela etapa de problematização, na qual foram consideradas as dimensões conceituais do tema. Nesse estágio, abordaram-se questões relacionadas à diversidade cultural, inclusão, respeito e racismo, com o intuito de promover uma reflexão crítica sobre essas temáticas. Para orientar as discussões, foram utilizadas perguntas norteadoras, tais como: Como a diversidade cultural é tratada na escola? A inclusão envolve apenas pessoas com deficiência? Por que a cultura de paz é incentivada no ambiente escolar? Por que os livros didáticos pouco abordam as culturas africana e indígena? Por que, historicamente, negros, indígenas e pessoas em condição social desfavorecida são pouco visibilizadas pela sociedade capitalista? e por que o bullying é tão frequente nas escolas?

A partir dessas indagações, os estudantes identificaram diversas problemáticas que emergem da não aceitação das diferenças. Com base nos posicionamentos expressos, foram destacados conceitos fundamentais como educação antirracista, inclusão, Lei nº 11.645/2008, cultura, justiça social e cultura de paz. Essa etapa possibilitou observar que os alunos ampliaram seus conhecimentos acerca da temática, reconhecendo a relevância de discutir tais assuntos nas aulas de Educação Física. Além disso, passaram a identificar práticas corporais de origem afro-brasileira e

indígena em suas vivências na escola e em outros contextos, compreendendo-as como expressões culturais significativas.

Dessa forma, evidencia-se que a tematização dos conteúdos nas aulas é essencial, pois permite que os estudantes reflitam criticamente sobre a realidade em que estão inseridos, adotando uma postura ativa e consciente em prol do bem comum e da convivência respeitosa na diversidade.

O terceiro momento correspondeu à etapa de instrumentalização, na qual foi utilizado um texto norteador que enfatizava a importância da diversidade cultural e de sua valorização no contexto local. Esse material possibilitou aos estudantes refletirem sobre práticas corporais tradicionais da cidade de Parintins, muitas vezes presentes no cotidiano, mas pouco reconhecidas e valorizadas pela própria comunidade. Após uma leitura crítica e reflexiva, os alunos foram organizados em grupos, e cada equipe apresentou suas interpretações e considerações por meio da produção de textos coletivos, favorecendo o diálogo e a troca de saberes.

Em seguida, foram realizadas atividades práticas relacionadas à cultura local e de origem afro-brasileira e indígena, como capoeira, huka huka, arco e flecha, corrida com tora e boi-bumbá. Durante o desenvolvimento dessas práticas, observou-se a participação efetiva de todos os alunos, que demonstraram maior aceitação das diferentes manifestações corporais, reconhecendo que cada indivíduo possui suas singularidades e que as práticas corporais carregam sentidos e significados culturais profundos.

**Figura 2-** Atividades: arco e flecha; huka huka



**Fonte:** Autoria própria, 2024

Essas primeiras mudanças de percepção foram possíveis graças à sistematização das atividades, que promoveram momentos contínuos de reflexão crítica, incentivando a cooperação, o respeito mútuo e a valorização da diversidade. Assim, a instrumentalização mostrou-se um espaço formativo essencial, capaz de integrar o conhecimento teórico às vivências práticas, ampliando o entendimento dos alunos sobre o papel da cultura e da corporeidade na construção de uma convivência mais inclusiva e respeitosa. De acordo com Freire (1996) compreende-se que os conteúdos escolares devem estar conectados com a realidade dos estudantes, relacionando com o seu mundo, sua história e com seus saberes, assim, a aprendizagem se torna mais significativa e de qualidade.

**Figura 3-** Roda de capoeira



**Fonte:** Autoria própria, 2024

Nesta etapa, que corresponde aos saberes docentes e discentes, os estudantes começaram a identificar novas possibilidades capazes de contribuir para a resolução das situações-problema apresentadas na prática social inicial. Entretanto, ao colocar essas ideias em prática, enfrentaram dificuldades em estabelecer relações entre os conhecimentos teóricos discutidos e as atividades desenvolvidas, o que evidenciou a necessidade de maior mediação pedagógica e de momentos reflexivos para consolidar as aprendizagens.

Partindo dessas considerações, acredita-se que essa dificuldade decorre da falta de vivências diversificadas nas aulas de Educação Física, bem como da pouca integração dessa temática com outras disciplinas escolares. Além desses fatores, destaca-se também a ausência de uma contextualização e sistematização adequada do ensino, o que resulta em escassos momentos de reflexão e na separação entre teoria e prática.

Nesse sentido, compreende-se que a Educação Física escolar não deve se restringir ao simples “rola bola” ou a práticas desprovidas de sentido reflexivo. Ao contrário, precisa configurar-se como um espaço de descoberta, construção e reconstrução do conhecimento, em que a reflexão seja parte constitutiva das aulas, articulando teoria e prática. Essa integração, conforme defendem Fontana e Fávero (2013), é fundamental para promover transformações na realidade dos estudantes, favorecendo ações concretas e críticas sobre o mundo em que estão inseridos.

O quarto momento foi caracterizado pela catarse, etapa em que a atividade proposta consistiu na produção de um texto em grupo, seguido de uma apresentação por meio de movimentos corporais. Essa dinâmica possibilitou aos estudantes expressar de forma criativa e sensível as reflexões construídas ao longo do processo. A partir dessa experiência, observou-se que os alunos passaram a compreender as temáticas abordadas sob uma perspectiva mais ampla, reconhecendo que ações inclusivas e de aceitação devem ser incentivadas cotidianamente, bem como a importância de políticas públicas que enfrentem o racismo e outras formas de preconceito.

Durante as apresentações, diversas falas significativas emergiram, evidenciando a construção de uma consciência crítica. Entre elas, destacaram-se: “É necessário reparar toda a injustiça realizada com os povos originários”, “Precisamos entender que todas as culturas são importantes”, “Cada um possui o seu estilo de vida, por isso não existe um estilo de vida ideal” e “Precisamos quebrar muitos estereótipos que só fazem diminuir e magoar as pessoas”. Tais afirmações demonstram que os estudantes

passaram a refletir sobre o valor da diversidade e sobre a necessidade de desconstruir visões excludentes e discriminatórias.

Nessa perspectiva, Soares et al. (1992) destacam que é fundamental tratar os conteúdos escolares de maneira sistematizada, relacionando-os com diferentes áreas do conhecimento e buscando uma abordagem filosófica, histórica e dialética. Tal postura pedagógica contribuiu para que a escola se torne, de fato, um espaço de formação de cidadãos críticos, capazes de refletir sobre sua realidade e compreender que os conteúdos não devem ser pensados nem explicados de forma isolada, mas sim articulados entre si, favorecendo uma aprendizagem significativa e transformadora.

O quinto momento correspondeu à prática social final, etapa em que os estudantes construíram um painel intitulado “A diversidade existe”. Nesse painel, foram reunidos imagens e registros de práticas corporais realizadas durante as aulas, além de fotografias de diferentes pessoas praticando atividades físicas na cidade de Parintins, valorizando a pluralidade cultural e corporal local. O painel foi exposto no corredor da escola, com o objetivo de compartilhar o trabalho com os demais alunos que não participaram diretamente das atividades, promovendo assim um espaço de apreciação e diálogo sobre o tema.

Durante uma semana, grupos de estudantes se revezaram na apresentação do painel, explicando aos colegas o propósito e o significado do projeto. Observou-se que os alunos demonstraram criatividade, autonomia e senso de responsabilidade, socializando o conhecimento construído ao longo das etapas anteriores. Além disso, foi possível perceber o desenvolvimento de um pensamento mais crítico e reflexivo, bem como um comprometimento com a transformação social, que se estendeu para além dos momentos vivenciados em aula.

Essa etapa revelou que as ações dos estudantes foram intencionais e conscientes, refletindo o engajamento com o processo educativo. Nesse sentido, Vásquez (2011) destaca que toda ação planejada é fruto de práticas conscientes e que, quando o trabalho pedagógico integra teoria e

prática transformadora, promove uma educação da consciência. Assim, essa articulação entre reflexão e ação mostra-se essencial para a construção de aprendizagens significativas e para o exercício efetivo da cidadania crítica.

Além desses achados, podemos destacar que, ao serem questionados sobre as práticas corporais como a capoeira, arco e flecha, huka huka, corrida com tora e a dança do boi-bumbá, e sobre o quanto essas atividades contribuíram para o desenvolvimento de um pensamento crítico voltado à valorização da cultura, observou-se que a maioria dos estudantes afirmou ter ampliado sua consciência cultural, passando a reconhecer a importância das manifestações locais e regionais. Uma pequena parcela dos alunos, contudo, ainda demonstrou dificuldade em estabelecer essa relação crítica. Esses dados permitem afirmar que os estudantes, de modo geral, compreenderam a relevância das práticas corporais como expressão cultural, percebendo que, por meio da vivência, da compreensão e da reflexão, é possível expandir e compartilhar esse conhecimento, fundamentando cientificamente sua importância.

No caso dos alunos que apresentaram maior dificuldade, é importante destacar que o desenvolvimento de um olhar crítico sobre as práticas corporais exige um ambiente escolar interdisciplinar, no qual diferentes áreas do conhecimento abordem a temática da diversidade cultural de maneira articulada. Essa abordagem deve estar presente em todas as etapas da educação, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, de modo que o aluno construa, ao longo de sua trajetória escolar, uma consciência ampla e fundamentada sobre o valor da cultura e da corporeidade (Freire, 1996).

Quando questionados sobre a importância das práticas corporais parintinenses para a valorização da diversidade cultural no contexto escolar, todos os estudantes reconheceram que tais atividades são fundamentais para o conhecimento e a valorização das diferentes expressões culturais que compõem a cidade de Parintins, bem como outras regiões do país. Nesse sentido, compreender a existência das diversidades cul-

turais significa reconhecer que somos diferentes, e que nenhum saber deve ser desvalorizado. Pelo contrário, é necessário valorizar e socializar os diversos conhecimentos, permitindo que os alunos participem ativamente dessas discussões, o que contribui para a formação de uma consciência crítica, inclusiva e transformadora.

Além disso, ao refletirem sobre a possibilidade de desconstruir estereótipos impostos pela sociedade capitalista por meio das práticas corporais, a maior parte dos estudantes reconheceu que essas atividades favorecem novas concepções e apropriações da própria cultura, sobretudo quando trabalhadas de forma sistematizada e contextualizada. Assim, compreende-se que as práticas corporais podem atuar como instrumentos de valorização da diversidade cultural existente no país, uma vez que representam expressões individuais e coletivas do movimento humano, construídas tanto no âmbito escolar quanto no lazer, conforme apontado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1999).

É importante enfatizar, contudo, que as práticas corporais transcendem o simples ato de se movimentar, pois carregam elementos simbólicos e culturais que expressam a identidade de povos e regiões, constituindo-se como uma leitura de mundo por meio das mais diversas formas de expressão. Desse modo, a diversidade cultural presente nas práticas corporais evidencia as regionalidades e as diferenças culturais entre as diversas regiões brasileiras, nas quais continuam a existir identidades específicas, como as ribeirinhas, quilombolas e indígenas (BRASIL, 2015).

Nessa perspectiva, a Educação Física escolar assume um papel fundamental na desconstrução de estereótipos e na resignificação de sentidos, configurando-se como um componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas múltiplas formas de codificação e significação social. Tais práticas, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, refletem a produção cultural e histórica de diferentes grupos sociais, reafirmando o potencial da Educação Física como espaço formativo para a valorização da diversidade e para a construção de uma sociedade mais justa e plural (BRASIL, 2018).

Ao observar todas as etapas desenvolvidas, percebe-se que ocorreram mudanças significativas no processo de aprendizagem dos estudantes. Tais transformações foram possíveis devido à articulação entre teoria e prática, que permitiu uma compreensão mais ampla e significativa dos conteúdos trabalhados. Mesmo com um número reduzido de aulas, foi possível favorecer a ampliação dos conhecimentos dos alunos, possibilitando-lhes estabelecer relações entre os saberes construídos e sua própria realidade, o que evidencia a importância de práticas pedagógicas contextualizadas e reflexivas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os resultados da presente pesquisa, constatou-se que as práticas corporais oriundas das culturas indígena, afro e cabocla podem contribuir significativamente para a valorização da cultura parintinense, bem como para o desenvolvimento do pensamento crítico dos educandos. Ao longo das atividades desenvolvidas, os alunos vivenciaram e ampliaram seus conhecimentos sobre a cultura local, compreendendo, ao mesmo tempo, a importância de respeitar as diferenças existentes em seu meio social.

Durante as discussões realizadas nas aulas, foi possível observar que os estudantes reconheceram o papel das práticas corporais quando tratadas de forma sistemática, percebendo que essas manifestações podem favorecer a valorização da cultura parintinense, além de expandir tais saberes para além do contexto escolar, fortalecendo a identidade cultural e comunitária.

Ao construir uma proposta didática fundamentada na diversidade cultural, sob a perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, verificou-se que essa experiência foi enriquecedora para todos os envolvidos, uma vez que possibilitou uma formação mais integrada e significativa. Essa concepção foi amplamente compartilhada pelos participantes do estudo, reforçando

a ideia de que a articulação entre teoria e prática é essencial para o processo educativo.

Nesse sentido, acredita-se que a Pedagogia Histórico-Crítica representa uma possibilidade concreta de aproximar teoria e prática não apenas nas aulas de Educação Física, mas também em outras áreas do conhecimento, permitindo que o estudante materialize o aprendizado construído e se torne um cidadão crítico e emancipado. Ao promover essa discussão, compreende-se a importância de conhecer as diferentes teorias e pedagogias que compõem o campo educacional, ressaltando a necessidade de oportunizar momentos de estudo e planejamento docente, para que os professores possam aprofundar seus conhecimentos e aplicá-los de forma efetiva. Muitas vezes, a escola tende a priorizar aspectos burocráticos e quantitativos, deixando em segundo plano dimensões qualitativas fundamentais à formação crítica e reflexiva.

Todavia, reconhece-se que essa proposta constitui apenas uma das várias possibilidades metodológicas que podem ser inseridas nas aulas de Educação Física. Portanto, não deve ser aplicada de forma mecanizada ou descontextualizada, mas sim adequada à realidade dos estudantes e às suas condições culturais, sociais e econômicas.

Por fim, compreende-se que a escola deve se consolidar como um espaço de valorização dos diferentes saberes, promovendo uma educação justa, equitativa e antirracista, que garanta uma aprendizagem de qualidade e valorize as diversidades existentes. Espera-se, assim, que a temática da diversidade cultural seja cada vez mais discutida e vivenciada nas aulas, expandindo-se para todas as etapas do ensino, de modo a promover o respeito à vida humana, aos direitos sociais e à emancipação do sujeito por meio das práticas corporais sistematizadas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Caderno Temático Práticas Corporais, Atividade Física e Lazer. Ministério da Saúde. Brasília- DF, 2015.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: ><http://www.planalto.gov.br> < Acesso em: 27 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério de Educação e de Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio/Secretaria de Ensino Médio. Brasília: MEC/SEM,1999.

FONSECA, M. V.; SILVA, C. M. N. da; FERNANDES, A. B. Relações étnico-raciais e educação no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

FONTANA, M.J; FÁVERO, A.A. Professor reflexivo: uma integração entre teoria e prática. Vol. 8- Nº 17. janeiro- junho, 2013.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GUTIÉRREZ, F. Educação como práxis política São Paulo: Summus, 1988.

LIAUZU, C. L'immigré dans les banlieues de l'histoire de France. In: Horizons Maghrébins-Le droit à la mémoire, N18-19, 1992. Les idéaux de la Révolution Française chez les Maghrébins. Pp. 176- 185.

LIBÂNEO, J. C.; SILVA, E. Finalidades educativas escolares e escola socialmente justa: a abordagem pedagógica da diversidade social e cultural. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, p. 816-840, 2020.

SAVIANE, D. Pedagogia histórico- crítica, quadragésimo ano: novas aproximações. Campinas, SP: Autores associados, 2019.

SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SOARES, C. L.; et. al. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.